

A GÍRIA COMO UM ELEMENTO DA INTERAÇÃO VERBAL NA LINGUAGEM URBANA

Dino Preti
PUC/SP – Projeto NURC/SP

RESUMO

O texto considera o papel da gíria na interação, sob dois aspectos: 1) a *gíria de grupo*, signo criptológico cujo domínio pertence apenas a um grupo restrito de falantes, dificultando intencionalmente o processo interacional e deixando o falante que não pertence ao grupo completamente à margem da conversação, mas, por outro lado, favorecendo sua identificação social; 2) a *gíria comum*, que perde a sua condição de signo grupal, descaracterizando-se e sendo absorvida pela linguagem comum, contribuindo, no entanto, para a maior informalidade na conversação, identificando-se com hábitos jovens e transmitindo uma idéia de renovação e atualidade ao discurso.

Palavras-chave: gíria, gíria de grupo, gíria comum.

INTRODUÇÃO

Os estudos modernos do fenômeno gírio, considerados, por exemplo, aqueles dos últimos dez anos, vêm apontando uma ampliação considerável do uso desse vocabulário, nas mais diversas situações de comunicação. Como e por que teria o uso da gíria, gradativamente, ganhado força, cada vez maior, em especial, na linguagem da cidade grande?

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a de uma linguagem de grupos sociais marginalizados (não devemos entender por estes apenas aqueles ligados à contravenção), com características tipicamente criptológicas, como, por exemplo, o vocabulário gírio dos toxicômanos ou dos estudantes universitários. É a *gíria de grupo* ou gíria no sentido restrito. A segunda, a de um vocabulário surgido pela divulgação dos signos provenientes daqueles mesmos grupos sociais, com perda de seu caráter secreto e diluição na linguagem popular: *gíria comum*.

Na sua essência, o fenômeno gírio com todas as suas características típicas, seus processos morfológicos de deformação e criação lexical, só pode ser analisado em profundidade dentro da primeira perspectiva, isto é, a da gíria de grupo. Só aí é possível estabelecer as relações entre linguagem e grupo que explicam o papel desempenhado por esse voca-

bulário na conversação. Na segunda perspectiva, a da gíria comum, esse vocabulário, perdendo sua condição de *signo de grupo*, deixa de ser identificador do falante e do grupo social. Passando a fazer parte da linguagem comum, como um de seus elementos expressivos, torna-se mais difícil estabelecer suas ligações com um tipo de falante. É justamente aí, nesse segundo estágio do processo, que o fenômeno vem ganhando expansão. Mas será sempre problemático estudá-lo, procurando conhecer sua origem e formação, as fontes de sua criatividade. Podemos, apenas, analisá-lo como um fenômeno lingüístico concreto em crescente divulgação nas mais variadas situações interacionais.

Se quisermos ter uma idéia da propagação da gíria no contexto urbano, basta observarmos como certas maneiras de dizer do dia a dia, incorporando vocábulos e expressões gírias, tornaram-se aceitas indiferentemente em diversos registros; ganharam prestígio social e já são formas típicas da língua falada, em situações distensas e até nas tensas; passaram a fazer parte do discurso da *mídia* (originado nas grandes cidades), aparecendo sem restrições nos noticiários da imprensa (em geral, sem aspas ou grifo nos jornais) ou na linguagem dos programas de rádio e TV.

Seria um erro pensarmos que, hoje, a gíria continua sendo apenas a linguagem dos jovens. Na verdade, essas fronteiras estabelecidas pelas faixas etárias vêm perdendo progressivamente sua força. Mesmo porque os comportamentos considerados jovens se estenderam a outras faixas etárias da população e a identificação com elementos tradicionais da cultura parece cada vez menos desejada.

Por outro lado, os movimentos político-sociais de democratização também se projetaram para os hábitos e para a linguagem, em particular nos países da América, muito mais abertos a uma renovação contínua, muito menos conservadores do que os da Europa.

No Brasil, esse processo teve conseqüências notáveis sobre a linguagem, diminuindo o sentimento de “purismo” lingüístico, tão arraigado num país de origem rural e, portanto, tipicamente conservador, apegado às suas tradições (Cf. Cunha, C. 1968:62). A ação niveladora das grandes cidades, como centros de irradiação de progresso e civilização, tornou conhecidos em todo o país os costumes e a linguagem urbanos.

Esse processo de unificação cultural e lingüística que já se configurava (embora tímido) desde os princípios do século (idem, p.58), ganhou intensidade nas últimas décadas, com o crescimento velocíssimo das grandes capitais do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre.

Pode-se afirmar que a língua falada nessas capitais passou a ser a linguagem falada urbana de todo o Brasil. Apagam-se progressivamente as diferenças regionais e as cidades brasileiras, com a linguagem falada sendo assimilada pelos grandes centros urbanos,

como São Paulo e Rio de Janeiro; trata-se de uma nova norma, que a *mídia* divulgou, veiculando-a por todo o país.

O mais importante desse processo é a sua dinâmica, a rapidez com que se aceitam recentes maneiras de dizer que, como os costumes, rompem tabus e se impõem, pelo maior prestígio e pela atualidade. De repente, essas formas populares, que os lexicógrafos recolhem, passam a fazer parte da norma lexical, aparecem nos dicionários da língua, geralmente com rotulações indecisas, em que coexistem, sem critérios suficientemente definidos, classificações como *gíria*, *calão*; *plebeísmo*, *linguagem popular*, *vulgar ou familiar*; *brasileirismos etc.*, “denominações que permitem guardar as palavras numa zona depreciada, por razões ideológicas” (Gadet, F. 1992: 103). Podemos comprovar essas falhas lexicográficas, compulsando, por exemplo, uma obra como o *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*, dos mais receptivos com relação às variedades socioculturais do léxico.

Conforme consideremos a gíria, na sua espécie ligada aos grupos restritos ou na sua forma genérica, difundida na conversação urbana do dia a dia, diferente será a sua avaliação no processo de interação verbal.

1. A GÍRIA DE GRUPO E A INTERAÇÃO VERBAL

Como linguagem característica do pequeno grupo social, a gíria apresenta duas características básicas: é um *signo de grupo* e possui uma forma criptológica, cujo domínio pertence apenas a um grupo restrito de falantes.

Em geral, costuma-se defini-la como um vocabulário empregado por falantes de um mesmo grupo, com a intenção de comunicar-se sem serem entendidos por outros falantes que não pertencem ao grupo. Preservada, pois, a significação dos vocábulos, a gíria se torna uma linguagem secreta, somente compreensível aos iniciados.

Considerando-se essa função criptológica, a gíria passa a ser um privilégio do grupo que a emprega na sua comunicação. Ela lhe traz uma sensação de originalidade em relação aos falantes comuns, o que se reflete no seu processo de auto-afirmação. Esse orgulho de falar sem que os “outros” o entendam cria no falante de gíria a responsabilidade de substituir os vocábulos que se tornam, num determinado momento, conhecidos pela grande comunidade. Daí o caráter efêmero desse vocabulário. É de sua renovação constante que depende a manutenção do *signo de grupo*, importante identificador social, até mesmo como meio de defesa e preservação. Entre os marginais do crime, por exemplo, a ausência de compreensão do ouvinte de determinado vocábulo pode ser uma forma infalível de identificar o inimigo. Por outro lado, um vocábulo gírio, uma simples forma de saudação pode ser o sinal de identificação que permite o início de uma interação que se processará livremente, dentro da linguagem do grupo.

Controlando a interação, selecionando sentidos, o falante dessa gíria fechada lança mão, quase sempre, do próprio vocabulário comum, deformando significantes; truncando ou reduplicando sílabas; acrescentando-lhe sufixos pouco conhecidos, de sentido intencionalmente pejorativo; mudando categorias gramaticais; criando metáforas e metonímias reveladoras da visão do mundo pelo grupo marginal. Assim:

malaco (de *malandro* - deformação do significante)

justa (de *justiça* - truncamento por apócope)

loteca (de *loteria* - sufixação pouco comum)

babaca (de *baba* - sufixação gíria pejorativa)

grude (metáfora de *comida*)

marmita (metonímia por *almoço*)

Se tivéssemos de definir o processo de formação gírio, diríamos que ele se baseia no espírito lúdico, tornando-se, do ponto de vista semântico, um jogo de adivinhação, para os não iniciados. Seus significados ocultos, por natureza, constituem um quebra-cabeça, nem sempre possível de resolver. De qualquer forma, um desafio constante que instiga a curiosidade do falante. A incompreensão desse código secreto resulta num sentimento de inferioridade, desatualização, sensação de estar “fora do grupo”, com o qual a interação se torna impossível.

A gíria pode vir a ser um verdadeiro “signo de adesão” (Guiraud, 1966:104), no momento em que o falante concorda em aprender seu significado, condição indispensável para que venha a pertencer oficialmente ao grupo. Assim, em contextos fechado, como as penitenciárias, onde comumente ocorre a formação de grupos, os novos detentos, antes de serem aceitos no grupo, são submetidos, às vezes, a um aprendizado, que consiste na decoração de listas de vocábulos ou histórias cifradas com vocabulário secreto, que lhes servirão de código nas interações dentro do presídio. É o caso, por exemplo, da linguagem da máfia, na Itália (Ferrero, 1972:289). Uma vez iniciados na gíria do grupo a que desejam pertencer, esse vocabulário será sua senha e seu código lingüístico de segurança:

- Oi, meu!

- Oi! que é que há? Alguma lança quente pra nós?

- Tenho duas, basta ficar na campana. O que falta é as turbinas pra render os loques.

- Máquina é fácil de arrumar. Basta pular no gogó de um mico e pronto: estamos maquinados.

- Nada de micos, vamos de mão grande num napo de firma. Eles sempre têm fogo na cinta.

- Escute, meu: a lança é caxanga, espíanto ou mão grande. Precisa ver se o serviço é limpo e não dá tira ou se a barra é suja.

- É mole, meu, só tem paruana e mina na jogada.

Nesse diálogo, reconstituído por dois detentos na Casa de Detenção de São Paulo, a pedido do pesquisador, observamos o perfeito conhecimento da gíria pelos interlocutores e a naturalidade com que a interação se processa. Somente esse conhecimento dos vocábulos, como se se tratasse de uma língua estrangeira, torna possível a compreensão, vedada a pessoas fora do grupo, como o próprio pesquisador, na ocasião. O contexto não permite qualquer inferência.

Assim, no texto, *lança* (furto), *campana* (observação), *turbina* (revólver), *loque* (trouxa), *máquina* (revólver), *gogó* (garganta), *mico* (policial), *mão grande* (assalto), *napo de firma* (guarda particular), *caxanga* (casa), *espianto* (furto), *tira* (policial), *barra suja* (dificuldade), *paruana* (trouxa), *mina* (mulher) condicionam a interação, pois se trata de vocábulos técnicos dos profissionais do furto e do roubo.

A ironia, a agressividade, o humor constituem atitudes que se refletem na formação desse vocabulário, marcando o papel do falante na interação e revelando sua visão do mundo.

As metáforas (em geral, de cunho humorístico) são os recursos mais comuns para expressar essas características do vocabulário gírio de grupo: *mico* (policial), *mina* (mulher), *grude* (comida), *jaula* (cela), etc.

Em determinadas *situações interacionais*, em que os interlocutores se opõem pela idade ou pela posição social, a gíria de grupo pode criar irreverência e agressividade. Nesse sentido, a gíria dos jovens da rua Augusta, local de “footing”, em São Paulo, apresenta-se expressiva, como nesse depoimento de um falante de 19 anos a um delegado que o interroga sobre seu comportamento ao abordar uma jovem:

– Doutor, fui dar um ‘H’ nela, quando percebi que era uma combusta. Furunfei a furunfeta. Mas ela tinha medo de plantar um bacura e, mesmo tendo me dado um úisque no vasco, não queria coisar o coiso. (*Folha de S.Paulo*, 9/7/91, p.4-1)

A interação entre os interlocutores praticamente é nula. Mas, ainda que se desconheça o sentido de vários vocábulos ou expressões (*furunfar a furunfeta*, *no vasco*, *coisar o coiso* etc.), advinha-se um fundo humorístico, malicioso. A versão do texto em linguagem comum, certamente, perderia todo o efeito expressivo do discurso, porque os significados gírios são efêmeros, muito abertos, variáveis de acordo com as situações e, portanto, muitas vezes, impossíveis de serem “traduzidos”. Confirme-se: “Doutor, fui tentar conquistá-la, quando percebi que era um tipo de menina que só sai com quem tem carro de luxo. Tentei conquistá-la à força (?). Mas ela tinha medo de engravidar e, mesmo tendo-me dado confiança (?), não queria ter relações sexuais.”

Em síntese, quando o falante usa a gíria do seu grupo, dificulta intencionalmente o processo interacional, deixando o interlocutor que não conhece o significado desse

vocabulário completamente à margem da conversação. Mas, por outro lado, como *signo de grupo*, essa gíria favorece a identificação social do falante, permite-lhe interagir com segurança com falantes do mesmo grupo e lhe traz, na conversação, a confortável sensação de segurança e superioridade por usar uma linguagem original, diferente da maioria. É uma sensação semelhante àquela dos que falam numa língua estrangeira perto de pessoas que não entendem essa língua. E, de certa maneira, o mesmo ocorre com certos profissionais (médicos, economistas, técnicos de Informática etc.) que usam seu jargão profissional para se autoafirmarem e se projetarem, produzindo um discurso também criptológico para os não iniciados nessas atividades.

2. A GÍRIA COMUM E A INTERAÇÃO VERBAL

A *gíria de grupo* apresenta como característica básica a sua forma criptológica, sugerindo no seu uso que os interlocutores pertencem a uma parcela especial da comunidade. No momento em que aumenta a sua popularidade, tornando-se conhecida dos falantes em geral, essa gíria desperta-se e perde sua condição de *signo de grupo*. Deixa de ser um elemento de auto-realização do falante. Vulgarizando-se, passa à condição de *gíria comum* empregada em situações interacionais, em que há uma expectativa de uma linguagem mais simples, própria de falantes com relações de maior intimidade.

Na grande comunidade, usar um vocábulo ou expressão gírios significa ampliar os limites de familiaridade, de aproximação com o ouvinte, o que pode ser comparado, numa interação verbal, à mudança de um tratamento gramatical de natureza mais formal, por outro mais íntimo ou até por uma forma de chamamento, como o nome ou até o apelido do ouvinte.

O uso da gíria comum transmite uma impressão de modernidade, de identidade com idéias e comportamentos novos e, por afinidade, de identificação com hábitos e falantes jovens:

– Ontem, na festa, chutei a santa!
– Meu carro quebrou. Envelheci!
(*Revista da Folha. Folha de São Paulo*, 14-1-96)

Na primeira frase, a expressão gíria *chutei a santa* vulgarizou-se com o sentido de “fazer alguma coisa, sem se importar com as conseqüências”, significação originária de um episódio de TV, em que um pastor evangélico, tomado de ira contra o catolicismo, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, diante das câmeras. Na segunda, o verbo *envelheci* é empregado para expressar que *alguma coisa deu errado*. Ambas foram registrados, na linguagem das praias, em São Paulo e Rio de Janeiro, no último verão.

No primeiro exemplo, temos uma metáfora ligada a um acontecimento nacional recente que mobilizou o noticiário da imprensa, o que vem comprovar a atualidade da gíria

(vocabulário de época), mas, ao mesmo tempo, seu caráter efêmero, pois, tão logo o fato seja esquecido, a expressão se arcaizará. No segundo, encontramos uma das fontes de criação gíria, isto é, o emprego de palavras com impropriedade de sentido (“counter words”).

Na sociedade contemporânea, em particular na América, é cada vez menor a pressão do sentimento “purista”, expressão do moralismo na língua, impondo regras oficiais e inibindo a criatividade do falante. No Brasil, onde já se tentou até uma “gramática oficial”, fixando a norma “para todo e sempre”, já se foi a época em que a Academia Brasileira de Letras ditava as normas “corretas” da língua, acolhidas pelos gramáticos e dicionaristas, sem discussão. Hoje, a língua ganhou uma dinâmica mais intensa, porque os grupos sociais interagem e se locomovem mais rapidamente, trocam experiências de vida e de linguagem. Sua gíria, por exemplo, traduz a atualidade que todos desejam na interação e se divulga com uma velocidade nunca imaginada, contando com a colaboração da *mídia*, da propaganda, dos modernos sistemas de redes de comunicação através de computadores.

Se a linguagem dos grupos restritos está cada vez mais exposta à divulgação, os próprios grupos continuam a criar sua gíria, não para torná-la secreta, mas, pelo contrário, para funcionar como divulgação de seus mais variados interesses (sociais, econômicos, artísticos, ocupacionais, religiosos, esportivos etc.). Nesse sentido, um exemplo eloquente desse processo criativo seria o dos grupos musicais, como o rock brasileiro, o funk etc..

Nos Estados Unidos, onde esse processo de democratização da língua se identifica com o próprio espírito do povo americano, conhecido pela defesa intransigente de sua liberdade de expressão, a gíria comum se integrou plenamente no vocabulário oral e usá-la nunca constituiu qualquer tipo de preocupação para os falantes:

Se os Estados Unidos têm mais gírias do que qualquer outro país (em relação ao número de pessoas, área, ou número de palavras do vocabulário padrão) eu não sei. Certamente o Francês e o Espanhol possuem um vocabulário de gírias bastante grande. No entanto, os americanos usam suas gírias comuns com maior intensidade que qualquer outro povo. A gíria americana reflete o tipo de pessoas que a criaram e que a usam. Sua diversidade e popularidade devem-se em parte à criatividade, autoconfiança e otimismo de nosso povo. Sua vitalidade deve-se em grande parte à nossa garantia de liberdade de expressão e à falta de uma academia nacional de letras ou de qualquer tentativa ‘oficial’ de purificar nossa língua. (Flexner, 1967: VIII-IX)

Talvez tenha sido esse espírito de renovação, essa contínua ânsia pelo novo um dos aspectos culturais exportados pelos americanos para a América, atingindo principalmente as grandes capitais, ávidas de progresso e atualização cultural. No Brasil, as duas últimas décadas mostraram um lento, mas progressivo rompimento com os valores lingüísticos tradicionais, o surgimento de uma nova norma, fruto de um uso constan-

temente transformado e em divulgação contínua pela *mídia*. Um índice expressivo desse fenômeno é a ampliação do uso da gíria comum que, na sua dinâmica, bem reflete o processo de renovação da linguagem urbana contemporânea.

Entre nós, assistimos à rápida mudança de prestígio social desse vocabulário, criado pelos grupos urbanos, absorvido pelos meios de comunicação de massa, com o propósito de se situarem sempre dentro da moda lingüística, em especial no léxico. A gíria comum não é, hoje, um privilégio das classes “baixas” (entenda-se: de baixa renda e escolaridade), mas introduziu-se praticamente em todos os grupos da comunidade. Suas formas mais duradouras já se incorporaram aos dicionários da língua, fazendo parte, pois, da norma lexical.

Na verdade, hoje, durante a interação verbal, as pessoas, às vezes, não se dão conta se usam ou não vocábulos gírios, exceto em situações mais formais:

Lembremos que a gíria, na verdade, não existe como entidade, exceto na mente daqueles que, como nós, estudam a língua. As pessoas se expressam e raramente percebem que estão usando as divisões artificiais *de gíria* ou *linguagem culta*. Acima de tudo, língua é língua, uma tentativa de comunicação e auto-expressão. O fato de algumas palavras ou expressões estarem rotuladas como *gíria*, enquanto outras estão rotuladas como *jargão* ou ditas de origem anglo-saxônica, só interessa aos eruditos. (idem: XV)

Da mesma forma, a gíria aparece na imprensa e nem sempre os leitores percebem que o redator pretende com certos vocábulos e expressões gírios aproximar mais seu texto de uma narrativa oral, tornando a interação escritor/leitor mais agradável:

Seus anseios burgueses [refere-se ao detetive criado pelo escritor americano Walter Mosley, cujo livro serviu de roteiro ao filme que está comentando] o distanciam ainda mais dos detetives de Chandler e Hammett. Assim que montou numa grana firme, Easy partiu para o ramo imobiliário. (*Folha de S.Paulo*, 25/1/96, p.5-4)

Uma expressão gíria metafórica como *montou numa grana firme* (“enriqueceu”) demonstra que o redator (crítico de cinema, no caso) tenta aproximar-se do leitor, com uma expressão mais popular, permitindo que a interação se processe com maior naturalidade, com menor formalidade do que seria de se esperar numa crítica e que a leitura do texto se torne mais leve, mais agradável, por lembrar o discurso oral.

O importante é insistir que, nem sempre, o leitor de um jornal, por exemplo, se dá conta de que uma expressão gíria “invadiu” o contexto, simplesmente porque já se acostumou a ouvi-la:

A ministra Dorothea Werneck (Indústria, Comércio e Turismo) deu ontem uma bronca nos empresários... (*Folha de S.Paulo*, 9/2/96, 2-10)

O vocábulo *bronca* é uma gíria de origem imprecisa. Afirma-se que teria vindo do espanhol. De fato, consta do *Dicionário da Real Academia*, conforme nos informa um filólogo brasileiro (Nascentes, 1953:22). Aparece nos dicionários de gíria e calão portugueses, com o sentido de “briga” e já vem registrada, nos anos cinquenta, no Brasil. Vulgarizou-se na expressão *dar a bronca* (“censurar”, “repreender”) e incorporou-se ao vocabulário popular e à linguagem dos meios de comunicação de massa, fazendo parte do que poderíamos chamar de *norma lexical da mídia*. Seu uso na imprensa escrita não produz mais estranhamento ao leitor, como observamos no texto da notícia acima, em que praticamente passa despercebida.

Na língua oral, nas interações do dia a dia ou até mesmo nas suas formas mais tensas, como a conferência, a aula universitária, a entrevista etc., a gíria tornou-se um recurso simples de aproximar os interlocutores, quebrar a formalidade de uma exposição, forçar uma interação mais próxima dos interesses do ouvinte. Assim, quando o falante percebe que seu discurso necessita dessa aproximação (o que é muito comum, por exemplo, nas interações em sala de aula), o uso de uma gíria “alivia” o contexto, transforma uma exposição momentaneamente num diálogo. É preciso que, nesses momentos, o falante tenha consciência da propriedade do vocábulo gírio, de sua atualidade, de sua ligação com o universo do ouvinte:

... eu acho que isso não há mais em São Paulo, porque não há mais postes de madeira, os postes todos são de cimento, não é? de concreto e, de vez em quando... - vocês percebem que eu sou um indivíduo de outra geração já... sou um quadrado mesmo, não é? - mas enfim isso também é um exemplo bastante antigo... e de Franz Boas, não é?... digamos mil novecentos e vinte...(risos). (Aula universitária - Projeto NURC/SP, inquérito 124)

Nesse exemplo, o professor suspende temporariamente sua exposição, para fazer uma consideração a respeito de sua idade, utilizando numa frase o vocábulo *quadrado*, gíria com o significado de “fora de época”, “ultrapassado”, “reacionário”, muito comum na linguagem do estudante universitário brasileiro, na década de 70. A referência provoca riso e favorece a interação, porque o falante admite implicitamente que seus ouvintes são jovens e atualizados, dentro de seu tempo, razão pela qual não podem lembrar-se de um costume antigo da cidade.

Uma outra função da gíria consiste em expressar agressividade, em interações marcadas pela emoção dos falantes.

Na vida urbana, nas grandes capitais, existe uma constante situação de competitividade entre as pessoas, no dia a dia, que, não raro, se transforma num sentimento de agressividade. Nem sempre, a situação permite o emprego das injúrias, dos vocábulos obscenos para expressão desse sentimento agressivo, de ataque ou defesa nas relações sociais. A gíria cumpre bem essa função interativa, particularmente com os vocábulos

de conotações irônicas, maliciosas, com referentes sexuais, muitas vezes oriundos da linguagem obscena.

Os jornais recebem esse reflexo da linguagem falada. Eles são hoje, na vida urbana, ao lado do rádio e da TV, a linha de frente das transformações lingüísticas, em particular da luta pela supremacia das formas populares, gírias, em detrimento das cultas, às vezes, levados por uma falsa concepção democrática do uso da língua.

Um exemplo dessa função gíria nos vem de um noticiário de um periódico brasileiro, a propósito de um acontecimento recente, de repercussão internacional, envolvendo um conhecido diretor de cinema americano e uma autoridade brasileira. No Rio de Janeiro, famosa cidade turística, marcada pela violência e pelos contrastes sociais e, por isso mesmo, de costumes mais soltos e linguagem mais livre, o espírito tradicionalmente jocoso de seu povo se expressa também pela gíria, conforme pode-se observar nas declarações públicas de um delegado, respondendo as críticas do um cineasta de que a polícia carioca não tinha poder para enfrentar os traficantes da favela do Morro Dona Marta:

As declarações do cineasta Spike Lee irritaram o Chefe da Polícia Civil, Delegado Hélio Luz. Ele ficou enfurecido ao saber que Lee confirmou ter pago a traficantes para fazer a gravação do clipe de Michael Jackson no Morro Dona Marta. “Esse cara é tão babaca que pagou ao cara errado, porque o chefe do tráfico não está no Dona Marta”, disse. (*Estado de S. Paulo*, 13-2-96, p. C 1).

Nessa interação verbal do falante com os jornalistas e, por conseguinte, com o público-leitor, devemos ressaltar o uso dos vocábulos *cara* e *babaca*. O primeiro tornou-se, hoje, um uso comum, na linguagem falada urbana do Brasil, para identificar a terceira pessoa do discurso de maneira informal, às vezes, até afetiva. No contexto, porém, referindo-se a um nome conhecido internacionalmente no cinema, acentua o sentimento de desprezo do falante. Esse sentimento é reforçado pelo vocábulo gírio *babaca*, com o significado de “trouxá”, “tolo”, mas acrescido por *semas* que indicam sexualidade, principalmente “afeminação” (na origem *babaca* é uma metonímia da linguagem obscena, com o significado de “órgão sexual feminino”), o que torna maior o seu poder injurioso. É evidente que o amplo uso atual dessa gíria em situações informais acabou por atenuar-lhe a carga injuriosa. Entretanto, numa situação interacional tensa (entrevista coletiva), o vocábulo ganha força. Mas, nem por isso, deixa de ser transcrito no noticiário do fato, sem qualquer atenuação (aspas, por exemplo), o que bem demonstra que já se integrou na expectativa do ouvinte e do próprio leitor.

Em resumo, podemos afirmar que a *gíria comum*, pelos seus elementos expressivos, incorporou-se definitivamente ao discurso oral, sendo, hoje, um de seus recursos mais importantes para transmitir, na interação: quebra de informalidade e aproximação en-

tre os interlocutores, sentimento de renovação, atualidade, aproximação do espírito popular; agressividade e injúria atenuada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se devêssemos responder à questão inicial de nosso texto, a propósito das razões que explicariam a expansão do fenômeno gírio na atualidade, diríamos, em função do que expusemos, que a gíria comum é o índice mais característico da linguagem urbana contemporânea. Faz parte de uma norma lexical veiculada pela *mídia*, aceita, indistintamente, pelos vários tipos de falantes em suas interações, mesmo se alguns ainda insistem no ideal de uma linguagem culta, decalcada nos modelos da escrita. Nesse sentido, o fenômeno tornou-se universal e há referências dele até mesmo em países tradicionalmente conservadores na língua, como a França, na qual, apesar disso, também se processa uma democratização progressiva do léxico, voltada para a aceitação das formas populares, entre as quais as gírias:

... assiste-se a uma democratização progressiva do vocabulário que torna cada vez mais frágil a denominação *popular*: tornou-se falso afirmar hoje que esta língua [a falada] é apenas “popular”; ela tornou-se a língua francesa falada, conhecida por todos os franceses, mesmo se alguns fingem ignorá-la ou se, por um pudor ainda imposto pelas convenções sociais, preferem, embora cada vez menos, uma língua mais castiça, mais próxima daquela que se convencionou escrever. (Caradec, 1988: 9)

Uma das muitas identificações da gíria com a sociedade contemporânea é a sua dinâmica, sua capacidade de renovação, sua representação do atual e do novo, sua representação do espírito jovem. As mudanças léxicas e sua identidade com os falantes, em termos de tempo, espaço e grupo social se assemelham às transformações da vida na cidade grande, sempre atenta à contribuição trazida pelo progresso e pela civilização.

Hoje, devemos reconhecer, há forças muito mais atuantes sobre a língua, na sociedade, do que o organismo escolar que, teoricamente, deveria representar o grande agente de defesa das tradições lingüísticas, porque tem, como uma de suas funções primordiais, o ensino da escrita. Entre essas forças, as modernas redes de comunicação e a *mídia*, cuja influência sobre os fenômenos da linguagem - em especial, o léxico, o campo mais sujeito a transformações - cada vez se torna mais decisiva.

A gíria comum, pode-se concluir, constitui a parte mais viva da língua, na representação da efervescência dos grupos sociais, no mundo contemporâneo. É o fenômeno da “moda lingüística”. Não há como evitá-lo na variedade das interações verbais (e, por que fazê-lo?), sob pena de o falante passar a impressão, em determinadas situações interacionais, de um anacronismo insuportável.

Referências bibliográficas

- Caradec, F. (1988). *N'ayons pas peur des mots*. Paris: Larousse.
- Cunha, C. (1969). *Lingua portuguesa e realidade lingüística*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- Ferrero, E. (1972). *I gerghi della malavita*. Verona, Arnoldo Mondadori.
- Flexner, S. B. (1967). In: H. Wentworth & S. B. Flexner. *Dictionary of American slang*. New York: Thomas Y. Crowell Company.
- Gadet, F. (1972). *Le Français populaire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Guiraud, P. (1966). *L'argot*. 4ª ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- Nascentes, A. (1953). *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Acadêmica.